

Jorge António Araújo - Recensão de *O Século dos prodígios: a ciência no Portugal da expansão* - Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 258-261. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1r3

ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2018), *O Século dos prodígios: a ciência no Portugal da expansão*. (1.^a ed.), Lisboa, Quetzal Editores. ISBN 978-989-722-536-9, 387 pp.

Jorge António Araújo
Universidade do Porto
jorgemontanhaa@sapo.pt

É sabido que tudo quanto esteja relacionado com as temáticas da expansão portuguesa e europeia pode hoje ser alvo de acesa discussão, nem sempre partindo dos melhores pressupostos. Não serviu tal contexto para demover Onésimo Teotónio Almeida, autor de *O Século dos Prodígios: a Ciência no Portugal da Expansão*, livro publicado em outubro de 2018 pela Quetzal Editores e vencedor do Prémio História da Presença de Portugal no Mundo, atribuído pela Academia Portuguesa de História com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Reúne esta obra um conjunto de textos produzidos e apresentados pelo autor desde 1980, em períodos e para públicos distintos, chamando à colação alguns dos elementos, dos factos e das figuras que, ao longo do processo de expansão portuguesa dos séculos XV e XVI, antecipam características posteriormente afirmadas pela ciência moderna. Para tal, Onésimo Teotónio Almeida assume uma posição intermédia, entre os historiadores portugueses que exageram no papel atribuído aos Descobrimentos e a historiografia anglo-americana, que o mesmo considera apoucar ou desconhecer por completo, na sua generalidade, o contributo português. Estamos assim em face de dois registos discursivos, um para portugueses e outro para não-portugueses, aspeto perceptível pelo facto de alguns destes textos terem sido originalmente escritos em inglês, e apenas agora traduzidos.

Reconhecendo não ser historiador, mas antes alguém que, no decorrer da sua atividade académica e de docência, se foi confrontando com a necessidade de aprofundar os seus conhecimentos e as suas leituras em relação ao tema, Onésimo Teotónio Almeida propõe-se nos seus ensaios dialogar com os historiadores, tecendo considerações e levantando questões. Os anos de estudo e o conhecimento dos

Jorge António Araújo - Recensão de *O Século dos prodígios: a ciência no Portugal da expansão* - Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 258-261. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1r3

condicionalismos em que atuam estes profissionais são fatores que o colocam à vontade nas observações críticas à historiografia da ciência, portuguesa ou anglo-americana.

E é isso precisamente que faz nas três partes em que divide a obra. A primeira parte, contendo o conjunto textual mais antigo entre os aqui reunidos, corresponde a uma redação da década de 1980, crítica de algumas das teses de Joaquim Barradas de Carvalho – nome de referência entre os apoiantes da chamada «prioridade portuguesa». Depois de apresentar uma síntese das teorias e dos pontos de vista defendidos por aquele historiador em diferentes trabalhos, o autor passa a refutar o que considera ser uma «leitura althusseriana da História» e a ideia de «pré-ruptura epistemológica» trazida pela expansão portuguesa no século XVI, recorrendo, para tal, a uma visão global e comparativa entre Portugal e a Europa, que Barradas de Carvalho ignorara.

A segunda parte, para além de aprofundar os pontos de vista anteriormente apresentados, traz novos contributos em favor do lugar dos portugueses na história da ciência, num conjunto de ensaios com proveniências e datas de produção muito diversas, mas que refletem a perspetiva atual do autor sobre a problemática. Maioritariamente dirigidos, aquando da sua redação inicial, a públicos anglo-americanos, estes textos abordam algumas das omissões que o autor considera mais importantes na historiografia em língua inglesa, no que concerne à atenção atribuída à ciência na expansão portuguesa. Seguindo a linha historiográfica que vê a mudança de mundividências como um processo, e não como um acontecimento, Almeida defende que a expansão portuguesa contribuiu para fundamentar os limites cronológicos aplicados por A. Rupert Hall à primeira revolução científica – de 1500 a 1800. Refuta igualmente as teses de Ernan McMullin, segundo as quais «a meta do controlo técnico não desempenhou virtualmente qualquer papel nas origens da ciência» (Almeida, 2018: 101), tendo nos Descobrimientos portugueses um caso contrário a esta afirmação. Assim, retoma dados produzidos pelos historiadores portugueses, enquadrando-os novamente na «narrativa mais global do desenvolvimento da mentalidade e metodologia científica e da história da ciência em geral» (Almeida, 2018: 84), não se coibindo, contudo, de desenvolver as suas próprias teorias, sustentadas com o recurso à bibliografia, às fontes e ao contacto direto com especialistas de diferentes áreas.

Jorge António Araújo - Recensão de *O Século dos prodígios: a ciência no Portugal da expansão* - Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 258-261. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1r3

Finalmente, a terceira parte, um ensaio crítico, escrito há precisamente três décadas, a um opúsculo de Sant'Anna Dionísio sobre a decadência ibérica no campo científico, mas que Teotónio Almeida transforma numa mensagem para o futuro, um incentivo ao desenvolvimento científico e uma lição contra a ideia de «determinismo cultural». É este, por ventura, um dos grandes desígnios desta obra, que não pretende olhar apenas o passado, mas apontar também para o futuro.

Dado o cariz compilatório, e não obstante o esforço de organização e de adaptação para transmitir unidade ao conjunto, torna-se claro que não estamos perante uma síntese histórica ou geral sobre a ciência nos séculos da expansão portuguesa. Trata-se, sim, de uma seleção feita pelo autor entre os seus próprios trabalhos, que necessariamente deixa de fora alguns temas. Neste ano em que se assinala o quinto centenário da viagem de circum-navegação, não encontraremos, por exemplo, nenhum ensaio sobre Fernão de Magalhães, por muito importante que o seu feito tenha sido para a história da ciência. Outros textos, diz-nos o autor, ficam reservados para futuros volumes ou formam já parte da secção de apêndices. Também por isto se tornam relevantes os índices onomástico e analítico introduzidos no final.

À natureza da obra não são igualmente alheias as evidentes repetições de ideias e de citações, estas por vezes extensas, separadas por poucas páginas e com traduções diferentes. Não devemos ainda esperar encontrar aqui a bibliografia mais recente sobre os temas tratados – basta lembrarmos as discrepâncias cronológicas entre os ensaios. De facto, vemos por vezes serem consideradas «recentíssimas» obras já com décadas e algumas referências a trabalhos mais atuais surgem apenas em nota. No entanto, Almeida conhece bem a historiografia portuguesa e anglo-americana sobre a ciência, com incursões ainda pela historiografia espanhola. É crítico, seja de visões mais nacionalistas, paroquiais ou monolíngues da história, seja dos estudos pós-coloniais, pelo juízo ético e anacrónico dos acontecimentos, seja da própria classe profissional dos historiadores, pelo conservadorismo e respeito face ao estabelecido. De resto, a preocupação com as discussões atuais no campo da história da expansão portuguesa e europeia está aqui presente, refletida nos vários cuidados do autor, por vezes repetitivos, em justificar determinados termos e opções, em mostrar que não está imbuído de

Jorge António Araújo - Recensão de *O Século dos prodígios: a ciência no Portugal da expansão* - Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 258-261. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1r3

qualquer nacionalismo ou chauvinismo, ou mesmo quando, logo a abrir, considera o título do seu livro «politicamente incorreto».

O autor tem a vantagem de partir da narrativa estruturante da historiografia anglo-americana, com acesso facilitado aos originais e às traduções para inglês de inúmeras fontes. Assim, apresenta-nos um texto rico em referências e citações de nomes clássicos, que traduz para português. Conhece também com minúcia as fontes portuguesas e recorre mesmo à literatura, de Camões ao espanhol Unamuno. Não deixa, então, de ser esta obra um estímulo à leitura e ao estudo dos autores antigos e contemporâneos. Chega Teotónio Almeida a criticar os portugueses por, apesar dos anos embrenhados a comemorar os Descobrimentos, não se terem empenhado em traduzir e divulgar as obras clássicas daquele período, facto que, conjugado com a falta de tradução da historiografia portuguesa, contribui para as omissões das narrativas anglo-americanas.

Tudo isto é escrito num estilo corrente, pensado para ser lido tanto pelo grande público como por académicos, com alguns momentos deliciosos de citação e de bom-humor. Não temos problemas em afirmar que a tradução desta obra para inglês poderia, igualmente, dar bom testemunho lá fora do contributo português para a história da ciência.